

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA (SESP) EM GOVERNADOR VALADARES (1942-1960) ¹

Maria Terezinha Bretas Vilarino²
Patrícia Falco Genovez³

Resumo A pesquisa consiste na coleta dos testemunhos que marcaram a formação de uma dada memória social da atuação do SESP, em Governador Valadares (MG), a partir da metodologia da História Oral. As narrativas e testemunhos coletados contribuíram para indicar as relações de poder e as práticas culturais constitutivas dos novos espaços que estavam surgindo rapidamente em virtude do acelerado processo de crescimento demográfico, vivenciado pela cidade. Os resultados ressaltam que uma cidade pode confrontar no mesmo espaço temporalidades diversas, sedimentando uma história multicultural que pode ser lida pelo historiador. O processo de análise do material coletado, portanto, nos permitiu descortinar testemunhos do tempo vivido. Dessa forma, a memória, narrada como testemunho, apresenta indícios de uma rede de relações históricas que lhe conferem sentido e a projeta em sua dimensão social, permitindo a emergência de outras leituras das configurações sociais, dando voz aos conflitos entre os novos territórios criados com o processo de urbanização e saneamento pelo qual Governador Valadares passou.

Palavras-chaves: Memória, História Oral, Serviço Especial de Saúde Pública (SESP)

Abstract: Using the methodology of oral history, this research is made up of a collection of people personal testimonies of in Governador Valadares (Minas Gerais, Brazil) and deals with what marked the formation of a given social memory of the activities of the SESP. The narratives and testimonies gathered here indicate the social power relations and cultural practices constitutive of new spaces that were evolving then rapidly because of accelerated process of demographic growth experienced in the city. The results emphasize that a city may face in the same area [space] several temporalities; this can sediment a multicultural history to be read by the historian. The process of analyzing the material collected, therefore, allowed us to uncover evidence of how the day by day life was experienced. Thus, the memory, as personal uttering testimony presents evidence of a network of historical relations which give meaning to the experiences and could design itself in social dimension, allowing the emergence of other kind of readings of social settings, and would give voice to the conflicts between the new created territories and the process of urbanization and sanitation which Governador Valadares undergone at that time.

Key words: Memory; Oral History; Public Health Service;

A coleta dos testemunhos que marcaram a formação de uma dada memória social da atuação do SESP, em Governador Valadares, foi efetuada a partir da metodologia de História Oral, a qual foi de fundamental importância para a pesquisa proposta uma vez que entrelaça a questão da memória com a significação e o recorte do espaço vivido.. Portanto, as narrativas e testemunhos coletados contribuem para indicar as relações de poder e as práticas

¹ Este texto apresenta resultados parciais de uma pesquisa financiada pelo CNPq e pela FAPEMIG sob coordenação da Profa. Patrícia Falco Genovez (Univale) e pesquisa dos professores Maria Terezinha Bretas Vilarino e Jean Luiz N. Abreu.

² Professora do Curso de História. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História/ UFMG.

³ Professora do curso de História e pesquisadora do Programa de Memória Social do Rio Doce – Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais/Univale. Doutora em História Moderna e Contemporânea (UFF).

culturais constitutivas dos novos espaços que estavam surgindo rapidamente em virtude do acelerado processo de crescimento demográfico vivenciado pela cidade. Ricoeur ressalta que uma cidade pode confrontar no mesmo espaço temporalidades diversas, sedimentando uma história multicultural que pode ser lida pelo historiador⁴.

O processo de análise do material coletado no tocante à memória do SESP nos permite descortinar testemunhos do tempo vivido. Dessa forma, a memória narrada como testemunho apresenta indícios de uma rede de relações históricas que lhe conferem sentido e a projeta em sua dimensão social, permitindo a emergência de outras leituras das configurações sociais e dando voz aos conflitos entre os novos territórios criados com o processo avassalador de urbanização e saneamento pelo qual a cidade passou.

Dentro dessa perspectiva é possível perceber nos testemunhos um novo território que emergia com as transformações urbanas. Nas décadas anteriores à instalação do SESP, a região apresentava problemas comuns às regiões de fronteira: deficiências no fornecimento de água potável, de energia elétrica e saneamento básico. As condições anteriormente observadas eram recorrentes em toda a região circunvizinha à cidade. A malária⁵ era a ponta de um problema mais amplo, característico das regiões de floresta em processo de ocupação. Havia também grande incidência de febre amarela, leishmaniose e esquistossomose, completando o quadro preocupante de infestação de doenças. As palavras de Hermírio Gomes da Silva, ex-funcionário do SESP, ex-prefeito e antigo morador da cidade são emblemáticas: “Isso aqui era uma reserva ecológica, vamos dizer assim; foi a mais recente fronteira de 50 anos para cá, que foi aberta em Minas Gerais. O anofelino, mosquito transmissor da malária, guardou isso aqui para novas gerações. O mosquito manteve aqui resguardado como um patrimônio natural formidável”.⁶

O combate à malária foi o ponto de partida da atuação do SESP no médio rio Doce. Quando o SESP chegou à região, em fins de 1942 e princípio de 1943, para início do trabalho e levantamento sanitário da área, uma forte epidemia da doença atingia a cidade de Governador Valadares (MG), ponto central da EFVM, e local escolhido como uma base de operações. Uma rápida e preliminar investigação revelou a existência de inúmeras coleções de água, buracos, e áreas pantanosas que eram criadouros do mosquito anofelino.⁷ Dentre a

⁴ RICOEUR, P. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000. p. 187

⁵ “Malária é uma infecção causada por protozoários do gênero *Plasmodium*. O parasita necessita de um vetor para transferir-se de um ser humano infectado para uma pessoa não infectada: um mosquito fêmea do gênero *Anopheles*. Ao sugar o sangue de uma pessoa infectada, o mosquito torna-se hospedeiro do protozoário e transmite o parasita ao picar outra pessoa.” Cf. CAMPOS, A. L. V. de: ‘Combatendo nazistas e mosquitos: militares norte-americanos no Nordeste brasileiro (1941-45)’. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, V(3): 603-20, nov. 1998-fev. 1999, p. 606.

⁶ Hermírio Gomes da Silva foi funcionário do Serviço Especial de Saúde Pública à época e prefeito por duas vezes de Governador Valadares. Cf. ESPINDOLA, Haruf Salmen. *Associação Comercial de Governador Valadares – Sessenta anos de história*. Op. Cit., p. 26.

⁷ BASTOS, N.C. Brito. *SESP/FSESP: 1942 – Evolução Histórica – 1991*. Recife, Comunicarte, 1993. p. 300.

população, os que podiam comprar o medicamento recorriam às farmácias locais (poucas) e os mais pobres recorriam a socorro alternativo, como por exemplo, “queimar bosta de boi ou serragem para espantar os mosquitos”.⁸

Durante os três primeiros meses do ano 1943 aproximadamente 400 buracos foram aterrados e aproximadamente 5.000 metros de pântanos e canais foram limpos ou drenados⁹. Como resultado deste trabalho a maioria das lagoas da cidade foram eliminadas ou convertidas em poços facilmente limpos, mantidos e tratados. Um exemplo desta investida é o caso das lagoas do Bairro do Sapo¹⁰, que serviam de bebedouro para as boiadas¹¹ que embarcavam na estação local. Até o final da década de 1940, este foi um dos maiores focos do mosquito transmissor na cidade. Através de um estratégico planejamento de intervenção sanitária as lagoas do Sapo seriam eliminadas.

O relato de um funcionário aposentado do SESP contribui para acompanhar os procedimentos realizados para o combate ao vetor da malária e para o atendimento de pessoas doentes¹². Habilitando-se como guarda sanitário para o combate a malária, então instituído sob a supervisão do doutor Henrique Maia Penido. O Sr. Petronilho A. Costa passou pelos três postos de trabalho: guarda pesquisador, guarda antilarvário e guarda chefe.¹³ No caso deste funcionário, a zona trabalhada ia de Derribadinha a Naque, ou seja, na área denominada Linha Acima, permanecendo pelo menos uma semana fora de sua residência em Governador Valadares. Nesta cidade, inúmeros criadouros foram tratados com ‘verde paris’, especialmente no Bairro do Sapo¹⁴. O tratamento era definido conforme a melhor alternativa: aterro, esgotamento ou uso do larvicida. O Sr. Petronilho lembrou que se andava muito a pé, e que a bomba cheia, pesava cerca de dez quilos e era carregada pelo guarda sanitário, alguns chegando a ter alergia ao produto, ficando com os braços irritados. Quando o SESP iniciou o Programa do São Francisco, esta alternativa também foi utilizada e para lá foi o depoente, por

⁸ Conforme depoimento das senhoras Geralda Alves da Silva (69 anos) e Dalila de Assis Pereira (72 anos), miqueiras em Governador Valadares nesta época. 13 de maio de 2008. Acervo Programa de Memória Social do Rio Doce (PMS).

⁹ FSESP, cx. 48 doc. 42.

¹⁰ Atualmente o Bairro Nossa Senhora das Graças, parte de uma das áreas mais densamente povoadas de Governador Valadares.

¹¹ Consta dos relatórios do FSESP o esgotamento e construção de cercas (FSESP, cx. 48, doc. 42) em determinadas lagoas que serviam de bebedouros para o gado.

¹² Entrevista Sr. Petronilho Alcântara Costa, 82 anos (funcionário aposentado do SESP); 10 de junho de 2008, Acervo Pessoal. A trajetória profissional do Sr. Petronilho confunde-se com a história do SESP, pois entrou no Serviço em 1943 e se aposentou em 1990, exercendo diversas atividades, desde servente no laboratório de Governador Valadares até fiscal de agente sanitário.

¹³ O Laboratório de Governador Valadares, posteriormente a sua instalação chamado de Laboratório de Estudos de Malária, mantinha além deste setor, uma seção para realizar exames clínicos atendendo a médicos do SESP e a médicos particulares de G. Valadares e cidades vizinhas. O primeiro diretor foi o brasileiro Dr. Dácio Amaral, tendo como consultor o Dr. K.B. Kerr, parasitologista norte-americano.

¹⁴ Atualmente o Bairro Nossa Senhora das Graças, parte de uma das áreas mais densamente povoadas de Governador Valadares.

volta de 1951, contribuir com sua experiência; então deu o nome de “Mariquinha”¹⁵ à sua bomba de dedetização, segundo ele por “coisa de rapaziada e não porque conhecesse alguma moça interessante com este nome”.

Os diagnósticos realizados nos acampamentos ao longo da EFVM, no início das atividades do SESP na região (Programa Rio Doce), apontaram que, além da malária, a presença de verminoses variadas debilitava a saúde dos trabalhadores e da população em geral¹⁶. De acordo com Bassères e Pantoja, a região do Rio Doce era “área virgem” de qualquer observação sobre verminoses; deste modo, do final do ano de 1943 ao ano de 1945 o SESP, através do Laboratório instalado em Vitória, para atender a área próxima ao litoral, e do Laboratório de Governador Valadares, que atenderia ao interior, realizou inquéritos para a identificação dos parasitas prevalentes na região¹⁷.

De um modo geral, as fontes utilizadas forneciam água barrenta e poluída, fossem águas de superfície ou de poços escavados, freqüentemente desprotegidos contra escoamento e contaminação, em vista dos tradicionalmente anti-higiênicos meios de disposição de detritos. Desta forma, doenças transmitidas por via hídrica (disenteria amebiana e bacilar, e febre tifóide com elevada incidência) eram causas de mortalidade na região; a esquistossomose propagava-se devido ao costume de lavagem de roupa e banhos nos rios e córregos infestados pelo caramujo transmissor¹⁸. Parece que não havia maiores preocupações por parte dos moradores em dar tratamento à água para uso doméstico, como filtragem ou fervura, conforme o depoimento, referente à situação em Governador Valadares: “A água era horrível, a gente comprava água na cartola do Rio Doce. Uma água barrenta, tinha um, esqueci o nome dele agora, um carroceiro que abastecia a cidade. Uns dois carroceiros, com esses barris né! Grande com saco de aniagem por cima para a água não transbordar. A gente chegava em casa e pegava uma pedra alume, botava nos filtros pra decantar um pouco a água e filtrar, mas saía assim amarela. Algumas pessoas com mais precaução, ferviam a água”.¹⁹

Em conformidade com o Acordo Básico, o SESP iniciou em 1944, projetos piloto para tratamento de água e instalação de redes de escoamento de dejetos nas principais cidades da

¹⁵ O depoente doou, na oportunidade, a sua “Marquinha” para o Projeto “A memória social do SESP: Testemunhos da saúde em Governador Valadares (1942-1960)” ora desenvolvido pelo Programa de Memória Social do Núcleo de Estudos Históricos e Territoriais (PMS do NEHT- Univale).

¹⁶ Descrição do sub-projeto que acompanha os diagnósticos: FSESP, Caixa 24, doc 54 (Auxílios Especiais na Área de “Linha Acima” - Posto de Assistência Médica em Governador Valadares - Programa Rondônia. Projeto: BB-LA-20) e doc. 56 (Auxílios Especiais na Área de “Linha Central” - Programa Rio Doce. Projeto: RD-LCE-20)

¹⁷ BASSÉRES, Maurício S.; PANTOJA, Woodrow P. Verminoses – algumas considerações em torno das verminoses na área do Rio Doce. *Revista do SESP*, Julho de 1947, Ano I, n. 02. p. 235.

Trabalho apresentado no I Congresso Interamericano de Medicina, reunido no Rio de Janeiro, em setembro de 1946.

¹⁸ BOVÉE, Clifton. Abastecimento d’água no Vale do Rio Doce. *Revista do Serviço Especial de Saúde Pública, ano I, nº 2, Rio de Janeiro, Julho 1947*.p. 471.

¹⁹ Dr. Hermírio Gomes da Silva. Entrevista concedida ao Prof. Haruf Salmen Espindola, do Núcleo de Estudo Históricos e Territoriais, da UNIVALE, em 04/12/1997.

sua área de abrangência: Governador Valadares, Aimorés e Colatina, sendo que os projetos pioneiros desenvolveram-se entre os anos 1944 e 1946, custeados inteiramente pela agência, através de recursos disponibilizados pelo governo americano. Em cada um destes municípios foram assinados acordos de cooperação e responsabilidade pela manutenção das instalações pelas prefeituras locais, porém a experiência mostrou que nem sempre puderam ser honrados, especialmente pela falta de planejamento de aporte de recursos públicos em obras desta natureza.

Ressalte-se, que a rede de distribuição de água e de escoamento de esgotos prevista atendia à área central das cidades, atendendo moradores que tinham condição financeira de fazer as ligações necessárias diretamente para suas moradias e/ou prédios comerciais. Bovée registra que para atendimento dos que não poderiam fazer despesas com ligações de água e instalações internas, o SESP construiu chafarizes (40 em Governador Valares, 26 em Aimorés, 10 em Colatina) nos bairros pobres e instalou lavanderias públicas (12 em Governador Valadares, 02 em Colatina, 13 em Aimorés) de modo a impedir a lavagem de roupa no rio.²⁰ Moradora antiga do Bairro de Sapo e Morro do Carapina, em Governador Valadares, relata que para pegar água no chafariz era preciso enfrentar a fila e que as brigas eram constantes: algumas mulheres queriam entrar na frente de outras e demorava-se muito para encher as latas, favorecendo a confusão.²¹ Torneiras quebradas e o desperdício da água tratada eram outros problemas corriqueiros.

Do mesmo modo, como a instalação do serviço de escoamento de esgotos em áreas suburbanas seria dispendioso e estruturalmente inviável, um acordo entre o SESP e os municípios citados definiu a construção de fossas sanitárias (identificadas por latrinas ou sentinas) nos bairros afastados, cujos moradores não tinham condições econômicas de colocarem instalações sanitárias em suas casas. Em Governador Valadares, por exemplo, foi assinado, em dezembro de 1947, o projeto para construção de privadas sanitárias, depois que um levantamento feito pelo Serviço, constatou que 960 construções dentre as 3.000 construídas, estavam sem instalação sanitária.

Desta forma, a execução de obras de saneamento acompanhou-se de campanhas de educação sanitária “à vista do baixo nível cultural da população dessas áreas e da necessidade de levar ao seu conhecimento questões básicas de saúde pública, nela despertando interesse pela solução dos problemas

²⁰ CF. Bovée, C. Op. Cit., p. 501, 489 e 498. As lavanderias e chafarizes foram construídos de alvenaria de tijolos e revestidos de argamassa de cimento e providos de torneiras de fechamento automático.

²¹ Depoimento de dona Ambrózia Francisca, 92 anos. Miqueira e parteira. 21 de maio de 2008; Acervo PMS.

sanitários da coletividade”.²² Este ponto de vista é compartilhado pelo articulista do jornal “Voz do Rio Doce”, franco defensor do SESP na região: “O nosso povo ainda crê muito pouco em higiene e no perigo que a sua ausência acarreta para a segurança de sua família. Temos muita gente que não acredita em micróbios e seu poder de transmitir doenças, e jamais se convenceu que micróbios tão pequenos possam fazer tantas ‘misérias’. Não quer dizer isto, que apenas o nosso pobretão assim pensa. Não, muita gente de colarinho engomado, não gosta de alterar seus hábitos e julga inútil assim proceder, apenas porque esteja sob o risco de se contaminar”²³.

Nesse sentido, um fato elucidativo é a resistência e/ou dificuldade para uso das latrinas, instaladas pelo SESP em áreas de periferia e especialmente em áreas rurais. Giemsa e Nauck já evidenciavam esta questão ao relatarem a situação de colono, em área capixaba nas proximidades de Colatina, que ao ser questionado porque não construía uma latrina em seu sítio, “respondeu que já o teria feito, há muito tempo, se não receasse a mofa dos vizinhos, em virtude da inovação”²⁴.

O depoimento de outro agente sanitário aposentado do SESP é também sugestivo. Segundo ele, “muitas pessoas, principalmente nas roças, continuavam usando o mato, e faziam das fossas lugar de guardar entulhos e tralhas, para vaqueiros guardarem arreios ou como ninho de galinhas”²⁵. O mau cheiro incomodava e igualmente causava repulsa conforme relato de antigo morador do distrito valadarense de Chonin de Cima.²⁶ O desconhecimento dos processos de absorção também surpreendia, como se pode perceber no comentário de moradora do Bairro do Sapo, em Governador Valadares: “era mocinha e ficava admirada com as fossas e ficava imaginado para onde ia aquela sujeira toda quando a fossa enchia”²⁷. Uma situação que merece registro é o caso de incidentes com o uso das fossas; uma moradora do Morro do Carapina, na mesma cidade citada, relatou que seu filho caiu dentro da fossa e foi socorrido por um vizinho.²⁸

Os guardas sanitários inicialmente foram treinados para tarefas relacionadas com o controle da malária e posteriormente, com a ampliação da atuação do SESP, para atividades ligadas ao saneamento: coleta de dados sanitários, difusão de instruções sobre saneamento, visitas periódicas às instalações construídas pelo SESP, para verificação e orientação de uso,

²² Cf. texto da Conferência de Organização Sanitária, realizada no Serviço Especial de Saúde Pública entre 12 e 17 de abril de 1948, publicado na Revista do SESP, 1948, Tomo IV, nº 01, p. 1094.

²³ VOZ DO RIO DOCE. Jornal semanário, circulante em Governador Valadares, n. 1 – 101, 14/out/1945 a 4/jan/1947 e 31/08/1947

²⁴ GIEMSA e NAUCK (1939) GIEMSA, Gustav e NAUCK, Ernst G. Medicina e Salubridade. In: Uma viagem de estudos ao Espírito Santo. *Anais Geográficos* (continuação dos *Anais* do Instituto Colonial de Hamburgo, vol. 48), série D, Medicina e Veterinária, vol. IV, Hamburgo, Friederichsen, De Gruyter & Co., 1939.

http://www.estacaocapixaba.com.br/textos/imigracao/giemsa_nauck/capitulo_5.html, Acessado em 20 de março 2008.

²⁵ Entrevista com Sr. Atanael Batista Santana, 81 anos; 14 de dezembro de 2007. Acervo PMS.

²⁶ Entrevista com Sr. Sady da Silva, miqueiro, 77 anos; 31 de maio de 2008. Acervo PMS.

²⁷ Entrevista com dona Geralda Alves da Silva. 13 de maio de 2007. Acervo PMS.

²⁸ Depoimento de dona Ambrózia Francisca; 21 de maio de 2008. Acervo PMS.

servindo, enfim, de elo entre o Posto de Higiene e o domiciliado.²⁹ Esses auxiliares de saneamento acompanhavam a construção de fossas sanitária, sugeriam o aproveitamento de material e sucatas (madeira, cartolas, telhas e outros) para melhoria de casas na periferia, construção de chuveiros e tanques. Segundo o Sr. Petronilho, muitos desses experimentos foram somente pontuais, como por exemplo, a reforma de casas, pois acabaram verificando que a construção em alvenaria ficaria mais em conta que a busca, nem sempre produtiva, por areia, argamassa e excremento de bois para se fazer massa. Os guardas também foram preparados para orientação sobre o destino correto a ser dado ao lixo que era um problema em todos os lugares³⁰.

Para estimar o alcance de algumas dessas tarefas vale o registro de um guarda que trabalhou tanto no vale do Rio Doce quanto no vale do São Francisco/MG, Sr. Atanael Batista Santana³¹: seu trabalho era fazer inquérito de higiene nas moradias e ao mesmo tempo fazer divulgação de hábitos de higiene e saneamento, como utilização das fossas, limpeza das áreas ocupadas, tratamento do lixo. Segundo seu depoimento, alguns moradores ficavam receosos ou mesmo não gostavam de receber os agentes sanitários, por vergonha ou desconforto da presença dos mesmos nas moradias. Nestes casos eram instruídos para falar com autoridade a fim de convencer o morador, o que dava resultado na maioria das vezes. Para o Sr. Atanael uma situação muito incômoda era a falta de higiene com os alimentos. Ele viu muita gente lavar as verduras na mesma bacia do banho ou regar a horta com a água já utilizada para higiene. Nosso depoente chama a atenção para o que ele considera uma situação vexatória. Ela ocorria quando alguma pessoa atendia o apelo do guarda para procurar o Centro de saúde e não era atendido conforme o esperado, seja no horário ou na forma de tratamento. Frequentemente, essa situação acarretava reclamações com o guarda que havia insistido na busca pelos serviços do SESP, culpando-o pela perda de tempo ou confiança. Para este agente sanitário um trabalho muito importante era acompanhar as enfermeiras ou atendentes nas escolas para atividades de educação sanitária, porque as crianças aceitavam muito mais facilmente os ensinamentos e novos hábitos divulgados, inclusive reforçando-os em suas casas.

Outro agente sanitário, Sr. Olmário Francisco Vieira, que também fazia inquéritos sobre as condições sanitárias e acompanhou a construção de latrinas em várias moradias em Governador Valadares, contou que neste caso, ensinavam as pessoas a fazerem os buracos,

²⁹ BASTOS, N. C. Brito. Op.Cit., p. 397.

³⁰ Entrevista Sr. Petronilho Alcântara Costa, 82 anos (funcionário aposentado do SESP); 10 de junho de 2008. Acervo PMS.

³¹ Entrevista com Sr. Atanael Batista Santana, 81 anos; 14 de dezembro de 2007. Acervo PMS.

instalarem as lajes, doadas pelo SESP, fazerem as paredes e a cobertura. Este funcionário aprendeu no próprio dia-a-dia do serviço a executar o trabalho de atendente e acompanhava a equipe técnica em campanhas de vacinação, inclusive em áreas rurais e, segundo ele, em alguns lugares as mães, avisadas com antecedência, já deixavam as crianças limpas e preparadas, mas que, em outros, era preciso fazer a higienização. O depoente também ressaltou que muitas crianças tinham medo dos vacinadores e que fugiam para o mato quando estes chegavam e era preciso um trabalho de convencimento³².

Os relatos dos dois funcionários acima mencionados coincidem na avaliação sobre o controle do Serviço, que segundo eles era muito organizado. O trabalho dos guardas ou agentes sanitários era supervisionado e cada um tinha um itinerário determinado, fichas próprias para preenchimento; andavam a pé ou de bicicleta e cobriam toda a cidade, indo também à zona rural. Havia muito rigor por parte dos diretores e qualquer desvio era punido com a suspensão do serviço, conhecida entre os agentes como “balão”.

Enfim, algumas observações podem ser realçadas a partir das entrevistas coletadas. Em primeiro lugar, são comuns entre os depoentes as demonstrações de carinho relativo aos anos de trabalho na agência. De modo geral, eles não relatam problemas, erros ou desmandos e nem mesmo conflitos entre o SESP, a sociedade e o governo. Toda a ação tende a ser descrita pelos depoentes como muito bem organizada e eles revelam um sentimento de lealdade ao SESP. Há um destaque freqüente em relação aos bons salários pagos em comparação àqueles pagos na cidade de Governador Valadares e região e a isso agregam a posição social distinta que os funcionários conquistaram.

Para além de questões financeiras e sociais, percebe-se nas falas dos funcionários, uma apropriação do discurso técnico-científico incutido a partir dos cursos oferecidos pelo SESP. Uma análise mais cuidadosa desses depoimentos mostra como pessoas comuns se transformavam em agentes de mudança, propondo melhorias sanitárias que até bem pouco tempo era novidades até para eles. E, curiosamente, todos falam do investimento dos norte-americanos como se somente eles estivessem à frente do processo de saneamento básico. Uma outra fala que é comum entre os depoentes é o reconhecimento da atuação do SESP trazendo melhorias para a cidade e região.

Em resumo, a partir destes relatos pode-se perceber que a atuação desses agentes era estratégica para a consolidação não só do SESP, como também das novidades sanitárias que em seu nome divulgavam e que para o êxito de uma intervenção alguns requisitos deveriam

³² Entrevista com Sr. Olmário Francisco Vieira, 78 anos; 30 de maio de 2008. Acervo PMS.

ser atendidos: uma boa orientação para os guardas sanitários e o seu próprio convencimento sobre o valor do saneamento e da higiene, pois muitos destes funcionários provinham da própria comunidade.

Em várias passagens fica claro que a formação profissional adquirida nas capitais pelos profissionais do SESP entrou em choque com a cultura da região. Havia, de fato, a preocupação de preparar as gerações mais novas segundo os padrões científicos, de combater as práticas da medicina popular, fazendo do médico o único “que cura”³³.

No contexto da década de 50, a continuidade da expansão econômica e demográfica da região, baseada na exploração da madeira, mica e expansão da pecuária, foi garantida pelo saneamento, pois os problemas da água e das endemias foram parcialmente resolvidos pelo SESP cuja atuação decisiva, segundo Bastos, “teria alterado de forma significativa as práticas de saúde, costumes, valores culturais e a organização do espaço”³⁴.

Contudo, o realce a determinadas perspectivas da ação do SESP revela um critério de seleção do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido. Relega-se a último plano, quase nas entrelinhas, a resistência daqueles que insistiam em usar a latrina, oferecida pelo SESP, como galinheiro ou daqueles que fugiam para o mato para não serem vacinados ou, até mesmo, das mães que não se preocupavam com a presença dos sanitaristas e dispensavam a higiene dos filhos diante dos estranhos. Talvez a seleção tenha íntima relação com a pista fornecida pelo senhor Atanael que mostra a situação vexatória dos guardas sanitários quando, após longa luta pelo convencimento de algumas pessoas, estas não conseguiam atendimento e tratamento adequado. O silêncio tácito sobre as limitações e entraves encontrados pelo SESP em confrontar uma realidade envolta em endemias esteja, de fato, relacionado a uma situação vexatória que todos querem apagar e relegar a um passado que deve ser esquecido. Como lembrança ativa deve vigorar o empenho em sanear a cidade e a região, em tirar do atraso uma população que tinha no SESP a única possibilidade de se tornar moderna e urbana.

Acreditamos que a coleta de testemunho tem muito a contribuir para se compreender melhor o processo de saneamento ocorrido em Governador Valadares. Este instrumento de pesquisa foi fundamental para compreensão do processo de saneamento básico, necessário para implementação do rápido crescimento ocorrido nesta região, uma vez que a bibliografia

³³ Cf. FONTENELE, L. F. Raposo. *Aymorés: análise antropológica de um Programa de Saúde*. Rio de Janeiro, DASP: Serviço de documentação, 1959.

³⁴ “Em 1942, a lado e um pouco à margem dos serviços federais de saúde de rotina, iniciou-se um profundo trabalho de modificação da mentalidade brasileira que iria refletir-se nas atividades de Educação para a Saúde. Esse processo começou com a criação do SESP”. Cf. BASTOS, N. C. Brito. Op. Cit., p. 329.

referente ao tema é praticamente inexistente. Neste sentido, os testemunhos de médicos, enfermeiras e agentes sanitários que tenham vivenciado o processo, foram de grande valia para aprofundar os dados contidos na documentação existente na COC-FIOCRUZ, trazendo à luz novas nuances até então obscurecidas sobre as percepções a respeito da saúde e das alterações nos costumes autóctones.

FONTES

- **Arquivo da COC-FIOCRUZ – fundo FSESP**

- Resolução FIBGE, nº 11, de 5 de junho de 1990.
- Seção Divisão de Engenharia, caixa 48 documento 42. Drenagem para controle de malária - Área “Linha Acima” - Estrada de Ferro Vitória - Minas Gerais. Projeto: RD-LAC-10/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.
- Relatórios do FSESP o esgotamento e construção de cercas (FSESP, cx. 48, doc. 42);
- Caixa 24, doc. 54 (Auxílios Especiais na Área de “Linha Acima” - Posto de Assistência Médica em Governador Valadares - Programa Rondônia. Projeto: BB-LA-20) e doc. 56 (Auxílios Especiais na Área de “Linha Central” - Programa Rio Doce. Projeto: RD-LCE-20)

- **Depoimentos**

- Senhoras Geralda Alves da Silva e Dalila de Assis Pereira, miqueiras em Governador Valadares nesta época. 13 de maio de 2008, Acervo Programa de Memória Social do Rio Doce - PMS.
- Senhor. Petronilho Alcântara Costa, 82 anos (funcionário aposentado do SESP); 10 de junho de 2008, Acervo PMS.
- Senhora Ambrózia Francisca, 92 anos. Miqueira e parteira. 21 de maio de 2008; Acervo PMS.
- Senhor Atanael Batista Santana, 81 anos; 14 de dezembro de 2007. Acervo PMS.
- Senhor Sady da Silva, miqueiro, 77 anos; 31 de maio de 2008; Acervo PMS.
- Senhor Olmário Francisco Vieira, 78 anos; 30 de maio de 2008. Acervo PMS.
- Senhor Hermírio Gomes da Silva, Médico, 89 anos; 04 de dezembro de 1997. Acervo PMS.

- **Fontes impressas**

BASSÉRES, Maurício S.; PANTOJA, Woodrow P. Vermínoses – algumas considerações em torno das verminoses na área do Rio Doce. *Revista do SESP*, Julho de 1947, Ano I, n. 02.

BASTOS, N.C. Brito. *SESP/FSESP: 1942 – Evolução Histórica – 1991*. Recife, Comunicarte, 1993.

BOVÉE, 1947: 471 BOVÉE, Clifton. Abastecimento d’água no Vale do Rio Doce. *Revista do SESP*, ano I, nº 2, Rio de Janeiro, Julho 1947.

ESPINDOLA, Haruf Salmen. *Associação Comercial de Governador Valadares – Sessenta anos de história*. Governador Valadares, ACGV, 1999.

_____. *A história de uma formação socioeconômica urbana: Governador Valadares*. *Varia História*. N. 19, 1998.

FONTENELE, L. F. Raposo. *Aymorés: análise antropológica de um Programa de Saúde*. Rio de Janeiro, DASP: Serviço de documentação, 1959.

PENIDO, H.M. et alii. Malária no Vale do Rio Doce. *Revista do Serviço Especial de Saúde Pública*, Ano I, nº 3, Rio de Janeiro, Janeiro de 1948a.

PESSOA, Samuel Barnsley. *Problemas Brasileiros de Higiene Rural*, São Paulo, s/e, 1949.

SESP. Conferência de Organização Sanitária. *Revista do SESP*, ano I, nº 04, p. Rio de Janeiro, Maio de 1948.

VOZ DO RIO DOCE. Jornal semanário, circulante em Governador Valadares, n. 1 – 101, 14/out/1945 a 4/jan/1947 e 31/08/1947.

BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

_____. Combatendo nazistas e mosquitos: militares norte-americanos no Nordeste brasileiro (1941-45). *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, (3): 603-20 nov. 1998-fev. 1999, pp. 605-606.

RICOEUR, P. *L'a mémoire, l'a histoire, l'oubli*. Paris: Seil, 2000.

PESSOA, Samuel Barnsley. *Problemas Brasileiros de Higiene Rural*, São Paulo, s/e, 1949.